

A ETNOGRAFIA DA UNIVERSIDADE: Entrevista com a professora Gina Louise Hunter

Por Daniela Alves de Alves (UFV)

Tradução: Carlos Vasconcelos Farias (UFV)

APRESENTAÇÃO

Gina Louise Hunter é Professora Associada de Antropologia na Universidade do Estado de Illinois (*Illinois State University*), situada em Normal, IL. Gina recebeu seu PhD em Antropologia da Universidade de Illinois em 2001. Sua pesquisa de doutorado foi baseada numa pesquisa de campo etnográfica com mulheres em um bairro de baixa renda, na periferia de Belo Horizonte. Esse trabalho focalizou as políticas reprodutivas na etno-psicologia, e a construção cultural da maternidade e das relações de gênero. Atualmente, os interesses acadêmicos de Gina estão na antropologia da alimentação e na antropologia da educação,

especialmente da educação superior. Ela está, há muito tempo, afiliada à Iniciativa Etnográfica da Universidade - *Ethnography of the University Initiative* (EUI, eui.illinois.edu), na Universidade de Illinois, em Urbana-Champaign. Os estudantes agregados de etnografia da EUI pesquisam em suas universidades e ajudam aos professores de vários cursos a incorporar seus trabalhos etnográficos em suas disciplinas. Gina escreveu grande número de artigos sobre essas concepções de ensinar etnografia e de examinar a universidade.

No segundo semestre de 2015, Gina ministrou uma disciplina de curta duração sobre o método da etnografia, na Universidade Federal de Viçosa (UFV). A entrevista com

*Doutora em Sociologia pela UFRGS. Professora Adjunta III do departamento de Ciências Sociais da UFV.

**Mestre em Educação pela PUC/Rio. Professor Adjunto IV do departamento de Educação da UFV.

a antropóloga Gina Louise Hunter discute os desafios e as contribuições da etnografia de espaços familiares. Nesse sentido, isto nos ajuda a pensar sobre o ambiente diário das instituições universitárias como um rico local cultural e cada vez mais diverso.

Educação em Perspectiva (EP):

Quais são os desafios de se conduzir uma etnografia em seu próprio local de trabalho, neste caso, a universidade?

Gina Louise Hunter (GH): Há vários aspectos nesta questão: políticos, pessoais e metodológicos. Tradicionalmente, os etnógrafos são conceitualizados como não familiarizados com o ambiente da pesquisa (*outsiders*). O antropólogo Bronislaw Malinowski foi o primeiro a codificar a Etnografia como um método. Com seu trabalho nas Ilhas Trobriand (1922), Malinowski criou um método e um gênero de escrita etnográfica que destaca as excursões preliminares do pesquisador em um campo relativamente desconhecido, seu processo de descoberta e enculturação e suas eventuais análises que fazem crenças e comportamentos estranhos parecerem familiares e razoáveis. Mas, quando os antropólogos começaram

a trabalhar “em casa” (vide a revisão de Peirano, 1998), emergiram os debates sobre as virtudes relativas de ser um “*insider*” (pertencer ao grupo social que se estuda) *versus* um “*outsider*” (um estranho) à cena da pesquisa. Alguns acham que ter certo nível de desconhecimento com o grupo ou com o local sob investigação é um instrumento-chave para a compreensão cultural. Existe uma expressão que diz que “é difícil ensinar um peixe a respeito da água”, querendo significar que pode ser difícil ver e questionar as operações culturais que atuam em nossas vidas. Por esta razão, Spradley e McCurdy (1972), por exemplo, advogam que se devem (os pesquisadores) realizar etnografia das condutas dos estudantes que são “microculturas” relativamente não familiares, que são de fácil acesso às suas vidas diárias. Para mim, no entanto, o ponto importante é que um etnógrafo sempre assume *alguma* posição diante de seus assuntos. O pesquisador nunca é verdadeiramente um *insider* ou um *outsider*: depende de quais variáveis o pesquisador escolhe para considerar. Portanto, a posição do pesquisador é sempre uma importante consideração metodológica, ética e política.

Contudo, para responder sua pergunta mais especificamente, nossas universidades são instituições grandes e complexas; portanto, estudar nossa própria instituição não significa necessariamente estudar nosso próprio grupo social. Quando meus estudantes *de fato* estudam seus próprios grupos sociais, eles estão sempre engajados em um processo de “des-familiarização”, de questionar seus próprios conceitos garantidos. Muitos antropólogos têm adotado a expressão da era romântica “tornar o estranho familiar e o familiar estranho”, como uma meta-chave do trabalho antropológico. Estudar o seu próprio local de trabalho ou seu grupo social é frequentemente um exercício de tornar o familiar estranho.

Em termos mais políticos, tomar a universidade como um objeto etnográfico pode ser um exercício no aprofundamento dos estudos de uma instituição poderosa e burocrática. Este foi o apelo que Laura Nader (1972) fez aos antropólogos há décadas. Ela argumentava que eles deviam estudar os poderosos, mais que os relativamente sem poder. Dizia que investigar as instituições burocráticas é a chave para que os cidadãos educados possam interferir efetivamente e exercitar seus direitos

nestas instituições. Ela advogava uma etnografia que se move “para cima”, “para baixo” e “para os lados”, ou seja, investigando etnograficamente o impacto das elites e instituições poderosas nas vidas diárias dos outros (Nader, 1999).

No meu trabalho com a Etnografia da Universidade, eu vejo a pesquisa dos estudantes sobre suas universidades como uma oportunidade de fazer um questionamento crítico sobre uma instituição que é muito poderosa em suas vidas e nas quais os estudantes podem se engajar e reformar.

EP: *A senhora é um membro universitário afiliado ao EUI (sigla em inglês para INICIATIVA DA ETNOGRAFLA DA UNIVERSIDADE), localizada na Universidade de Illinois, descrita como um repositório de projetos de estudantes sobre suas universidades e, ao mesmo tempo, um instrumento de pesquisa para futuras gerações de estudantes. Como a senhora avalia os ganhos que a EUI tem dado aos estudantes universitários de antropologia?*

GH: Quando os antropólogos Nancy Abelmann e William Kelleher co-fundaram a EUI, uma parte de seu ímpeto foi a ideia de que a pesquisa e os escritos dos estudantes seriam melhor se fossem construídos com

base em pesquisas anteriores dos estudantes. Eles imaginavam que os pesquisadores estudantes veriam a eles mesmos contribuindo com uma comunidade de pesquisa e não apenas escrevendo textos para o professor. Em nossas disciplinas, achamos que isto é verdade.

Os estudantes conduzem suas pesquisas sabendo que eles têm a oportunidade de adicionar um pouco de conhecimento a um corpo de trabalho já existente. Por isso, os estudantes escrevem para seus colegas e para futuros estudantes. O repositório da EUI, alojado na Universidade de Illinois (<https://www.ideals.illinois.edu/handle/2142/755>), tem mais de 1.200 projetos de estudantes; e eu iniciei um repositório adicional para meus estudantes na *Illinois State University*. Alguns dos projetos arquivados são textos de final de semestre ou relatos, mas o arquivo também inclui documentos processuais, tais como notas de campo, transcrições de entrevista e imagens.

Os estudantes levam muito a sério o arquivo EUI. Eles sabem que o trabalho deles se tornará público, então investem mais nele; eles sabem que devem observar cuidadosamente nossos protocolos de pesquisa com

temas humanos, os quais devem ser aprovados pelo nosso Comitê de Revisão Institucional (comitê de ética na pesquisa). Eles tomam as pesquisas entre os pares seriamente e as citam em seus próprios trabalhos. Dessa forma, cada projeto de um novo estudante está contribuindo para uma ampla conversa acadêmica – mesmo se seus projetos são muito curtos, parciais e de vida curta, como é frequentemente o caso. Essas são frequentemente incursões bem iniciais em etnografia e pesquisas primárias.

Eu penso que o modelo de pesquisa dos estudantes da EUI traz benefícios tremendos para os estudantes. Aliás, a EUI é um empreendimento multidisciplinar e há disciplinas em EUIs afiliadas em diversas áreas da universidade. Além disso, o arquivo da EUI é acessível ao público, portanto, esses benefícios não estão limitados aos estudantes de Antropologia.

EP: *Na sua opinião, baseada em sua experiência com a etnografia das universidades, quais são as especificidades dessa organização comparada a outras organizações?*

GH: A *Illinois State University* é uma universidade pública grande, que matricula aproximadamente 20.000

estudantes, principalmente no nível da graduação. Trata-se de um tipo distinto de organização dentro da arena da educação superior americana.

Um aspecto que eu acho interessante é que a população principal da universidade, os estudantes, não se vê necessariamente como parte da organização acadêmica *per se*. Nossos estudantes, e talvez os estudantes americanos em geral, compreendem sua experiência acadêmica principalmente em termos de suas metas individuais. Eles veem a universidade como um meio de atingirem suas aspirações pessoais e de suas carreiras. Uma parte do que eu faço em minhas disciplinas de etnografia é conseguir fazer os alunos pensarem mais sobre as maneiras nas quais suas experiências e subjetividades são formadas pelos interesses e estruturas da universidade.

Do mesmo modo, os professores veem a si próprios principalmente em termos de identidades disciplinares (como, digamos, um químico ou um historiador) e não como trabalhadores em uma organização. Como acadêmicos, nós temos também a tendência para compreender que a universidade é um espaço privilegiado, que se situa de alguma maneira fora do mercado. Em sua pesquisa

sobre a universidade, Wesley Shumar (1997) observou que o insucesso dos professores em se identificarem como *trabalhadores* frequentemente tornou difícil para eles reconhecer e responder efetivamente às mudanças da universidade. Mais especificamente, ele escreve que os professores *non-tenure-track* - NTT (professores sem direito à carreira, ou seja, os instrutores em tempo parcial que as universidades cada vez contratam mais) são para a academia o que os trabalhadores temporários são para muitas outras indústrias. Mas, os estudantes e os professores frequentemente erram ao analisar os professores não efetivos dentro dos mesmos quadros explicativos que eles usam para entender as transformações similares em outros contextos, como na indústria. Dessa perspectiva, é útil pensar sobre as maneiras em que as universidades são como outras organizações, ou pelo menos, as maneiras que elas devem responder às mesmas forças sociais, econômicas e políticas.

Shumar e outros mostram que a educação superior pública nos EUA, e em outros lugares, tem sido “privatizada” e “mercantillizada” de modo crescente nas décadas passadas (vide, por exemplo, Teixeira;

Dill, 2011). Há muitos americanos que veem pouco valor na educação superior com financiamento público. As atuais administrações dos estados de Wisconsin, Illinois e outros estados americanos mostram essa tendência. Devo observar aqui que as universidades “públicas” são publicamente subsidiadas, mas não livres de custos para os estudantes como são no Brasil – no estado de Illinois, apenas uns 18 por cento do orçamento é coberto pelas apropriações do estado. Acima de tudo, nas últimas décadas, os custos da educação superior pública têm se deslocado dos estados para os estudantes e suas famílias. Um relatório (Sheeo, 2014) elaborado pelo *State Higher Education Executive Officers Association* chama essa nova tendência de “o novo normal” da reserva monetária do estado para a educação pública superior. Eles resumem esta questão complexa assim:

[...] no novo normal, os custos com tadoria e de cuidados com a saúde passam simultaneamente o custo da educação superior e competem com a educação de recursos públicos limitados. O novo normal não tem mais a expectativa de recuperar o apoio estadual para a educação superior, como ocorreu repetidamente na última metade do século 20. O novo normal tem a expectativa

de fazer os estudantes e suas famílias continuarem a fazer sacrifícios cada vez maiores para completarem a educação pós-média. O novo normal espera que as escolas e as academias encontrem caminhos de produtividade cada vez maior e que absorvam as reduções do apoio estadual, como um grau cada vez maior de produção sem comprometer a qualidade. Ao mesmo tempo, mais e mais estados estão adotando finalidades audaciosas e a obtenção de metas que só poderão ser alcançadas a partir do momento em que se der um atendimento melhor para aqueles estudantes que tenham sido tipicamente mal servidos: primeira geração, de baixa renda familiar e provenientes de minorias (201, p. 48).

A mercantilização da educação superior não está apenas na questão de quem paga a academia; isto também está evidente nas práticas de avaliação e de relatos de produtividade. As academias são cada vez mais vistas como “prestadoras de serviços”, e os estudantes, como “clientes”. Nós precisamos perguntar seriamente como isso impacta o ensino, a aprendizagem, a democracia e a nossa capacidade para criar uma sociedade mais igual. Esse processo pode ser estudado por vários ângulos. Shumar e Mir (2011) reveem algumas das abordagens antropológicas para o estudo da educação superior. Os estudos etnográficos podem mostrar

como os estudantes, os professores e outros compreendem e negociam essas transformações na educação.

EP: *É possível que algumas dessas investigações possam conflitar com os interesses da administração da Universidade? Como a Antropologia das Universidades lida com a dimensão do poder?*

GH: Sim, pode haver um conflito de interesses. Eu duvido que qualquer administração de uma organização realmente goste de um exame minucioso que não foi solicitado. No entanto, isso não significa que uma tal pesquisa não possa acontecer.

Há poucos semestres, meus estudantes e eu conduzimos uma pesquisa ao longo do semestre sobre as experiências internacionais dos estudantes no nosso *campus* (Hunter *et al.*, 2013). Apesar de termos evidenciado que no geral o Estado de Illinois faz um bom trabalho em dar as boas-vindas aos estudantes internacionais, nem tudo em nossa apresentação foi de elogios. Nós fizemos críticas. Nós apresentamos os resultados em um simpósio para toda a universidade, e eu sei que nem todos os administradores ficaram felizes de ouvir os nossos achados. Mas, nossa apresentação gerou uma grande discussão naquele dia

e a universidade tem trabalhado para incrementar muitas de suas práticas que estavam ruins. Eu deveria observar que a maior barreira que nós identificamos para criarmos um ambiente internacional de boas-vindas no *campus* está nos *estudantes* americanos. A vida dos estudantes altamente organizada em horários, mediada por tecnologia e com falta de conhecimento sobre o mundo fora das fronteiras dos EUA foi o principal obstáculo para uma amizade internacional. Esse tema vai muito além das especificidades do nosso *campus* ou da nossa administração.

A respeito dos projetos de meus alunos em geral, eu achava que, algumas vezes, os interesses da universidade e dos estudantes coincidiam. Mas, frequentemente, é claro, eles não coincidem. O que é mais comum, no entanto, é que os estudantes encontram-se em desagrado com a administração sobre as estratégias usadas para atingir uma meta compartilhada.

Por exemplo, uma estudante, Kristen Holm (2008), conduziu uma pesquisa em uma organização cristã no *campus*. Ela descobriu que tanto os estudantes quanto a administração da universidade querem que os estudantes adquiram a noção de pertencimento

ao *campus*. O ponto em que alguns estudantes e a administração divergem está nas melhores estratégias de desenvolver essa cultura de pertencimento. O decano de nossa universidade promoveu o encontro dos estudantes em repúblicas dentro do *campus*, mas não promoveu, por razões óbvias, a participação estudantil em organizações religiosas. Em nosso *campus*, no entanto, as organizações cristãs são bastante populares. Kristen argumentou que a universidade deveria considerar bem o que faz aquelas organizações especialmente atrativas para os estudantes, além de bem sucedidas (no caso da organização que ela investigou).

Um outro pequeno projeto que me vem à mente trata da segurança no *campus*. Uma das minhas estudantes (Leannais, 2008) ficou curiosa sobre os intercomunicadores de segurança (uma torre de telefone fixa com uma luz azul). Ela decidiu registrar as histórias de segurança e de perigo no *campus* e, especificamente, quais as perspectivas dos estudantes sobre os “luzes azuis”, como os telefones são conhecidos. Ela perguntou “por que nós temos essas luzes azuis? Eles fazem as pessoas sentirem-se mais seguras ou mais cautelosas? Como se deve usá-los?”. Ela descobriu que os

estudantes ironizam dizendo que os intercomunicadores são sem utilidade e a polícia do *campus* deveria fornecer dados a ela sobre se os telefones foram alguma vez usados (o que a levou a acreditar que eles não o foram). Mesmo assim, todas as partes concordaram que foi um bem que a universidade os tenha. Ela, então, percebeu que os intercomunicadores servem como *símbolos de segurança* mais do que realmente aparelhos úteis. A estudante concluiu que a instalação desses intercomunicadores na universidade foi principalmente para criar uma aparência de segurança, de modo especial para um público fora do *campus* (pais e estudantes potenciais), mais que se dirigir a uma real necessidade de segurança.

Todos nós sabemos que a administração e os estudantes podem encontrar-se eles mesmos de lados opostos em um tema. Mas, eu penso que os administradores sensatos estão dispostos a ouvir muito cuidadosamente o que os estudantes pesquisadores têm a dizer. Devemos nos lembrar também que nem os estudantes nem a administração (nem os professores) são grupos monolíticos. Geralmente, há muitos interesses em jogo em qualquer tema. Quando meus estudantes pesquisam

tópicos controversos do *campus*, eu frequentemente os aconselho a entrevistar a chefia relevante da universidade e os administradores, que se tornam importantes participantes da pesquisa. Uma boa etnografia usualmente leva em consideração múltiplas perspectivas, interesses e discursos, e explica de onde provêm os diferentes pontos de vista.

Além do mais, na EUI, nós pedimos aos estudantes para fazerem recomendações para a universidade baseadas em suas pesquisas. Desta maneira, os estudantes têm que pensar concretamente sobre como melhorar a universidade.

EP: *Em uma conferência recente na Universidade Federal de Viçosa (UFV/BR), a senhora declarou que o conceito de “pedaço”, desenvolvido pelo antropólogo brasileiro José Guilherme Cantor Magnani, é muito útil para uma Antropologia Sociocultural das universidades. Como a senhora faz uso de tal conceito? Como ele pode ajudar na compreensão da dinâmica espacial de outras instituições urbanas?*

GH: Em seu artigo “De perto e de dentro, notas para uma etnografia urbana” (2002), Magnani examina maneiras de se entender as cidades e a vida urbana. Ele observa que há

muitas conceituações de urbanização e cidades, tais como a ideia de Saskia Sassen de “cidade global” (1991), que produz pontos de vista “de fora e de longe”. Ele queria justapor aquelas interpretações com a visão de cidade produzida etnograficamente, “de perto e de dentro” e, em particular, uma que conta para os próprios arranjos e trajetórias sociais criativas dos atores sociais. Em sua pesquisa sobre espaços de lazer com habitantes urbanos, ele elaborou a categoria nativa de “pedaço” (significando basicamente “vizinhança”). Ele escreve que o termo designa um espaço intermediário entre a dicotomia que Roberto da Matta identificava como a esfera privada (o lar) e a esfera pública (a rua). Ele diz que *pedaço* é um importante espaço de sociabilidade, mais amplo que os laços familiares, mas mais próximo, mais significativo, e mais estável que aquelas relações formais e individualistas de cidadania na esfera pública (2002, p. 116).

Na minha disciplina de Etnografia na Universidade, nós usamos o trabalho do Magnani para pensar por meio dos espaços na universidade. Há muitos discursos externos e distantes sobre as universidades também, como por exemplo, sobre o papel da universidade no desenvolvimento

nacional e o de promover a inclusão social. Mas, como os estudantes vivem dentro, por meio e ao redor da universidade? Quais são as variadas trajetórias dos estudantes por meio da universidade? Quais são os espaços sociais da universidade? Há diversos grupos sociais no *campus*, tais como aqueles definidos pelos estudantes de principais disciplinas de estudo, sejam elas de Ciências Humanas ou de Agronomia, e eles frequentemente ocupam diferentes espaços e engajam em diferentes práticas sociais. Então, nós perguntamos, quais são os diferentes “pedaços” na UFV? Como a sociabilidade é estruturada nos diferentes espaços sociais ao redor do *campus*? Provavelmente, não é nenhuma surpresa que os estudantes tiveram muito a dizer sobre este tópico. Há diversos grupos sociais que usam distintos espaços na UFV. Eu tive estudantes que mapearam suas próprias trajetórias e mapearam detalhadamente grupos sociais e espaços no *campus*.

Pedaço é apenas um termo dentre muitos que Magnani usava para mapear os usos e os espaços sociais da cidade. Outros incluem *mancha*, *trajeto*, *pórtico*, *circuito* todos eles designando distintos territórios urbanos, espaços morais, usos regulares e atividades.

Nós descobrimos que, aplicando esses termos para a universidade, eles se constituem em um instrumento muito útil para se pensar sobre a universidade em novas maneiras.

EP: *Em sua pesquisa fora dos Estados Unidos, é possível estabelecer uma análise comparativa? Quais semelhanças são recorrentes nessas instituições?*

GH: Eu não conduzi pesquisa sobre ou em universidades fora dos EUA, mas, como você mencionou, eu estive na UFV para dar aulas em uma curta disciplina sobre etnografia da universidade para os estudantes de Ciências Sociais. Desta experiência, eu posso fazer poucas comparações entre a UFV e a minha própria instituição. Vou mencionar duas.

Primeiro, ambas as universidades estão lidando com temas da diversidade em seu corpo estudantil. As populações estudantis de nossas universidades estão mudando, mas as forças em ação são diferentes. Políticas de ação afirmativa têm sido um gerador de mudança na UFV. No Estado de Illinois, o maior declínio de fundos monetários para a educação superior e um número menor de estudantes em idade acadêmica em todo o país são as tendências que influem no nosso corpo estudantil.

Nós temos mais transferências de estudantes (aqueles estudantes que completam seus primeiros dois anos da educação superior em academias em suas comunidades locais e mais econômicas). Não importando como essas “novas” populações de estudantes entram na academia, os professores encontram os estudantes com diferentes conjuntos de habilidades e com interesses diversos. Esses estudantes desafiam nossos métodos de ensino e o conteúdo de nossas disciplinas. Como servir melhor esses estudantes diversificados tem se tornado um tópico de discussão entre os professores em ambos os lugares.

Como uma segunda questão, ambas as instituições têm a “internacionalização” como parte de seus objetivos estratégicos. Em ambas as instituições (e em muitas outras) parece que a mobilidade dos estudantes e as classes e os serviços de língua inglesa são os produtos centrais daquilo que significa a internacionalização. Vale a pena se perguntar para quem tais estratégias são mais importantes. Há, de fato, muitas razões para se “internacionalizar” e maneiras para se fazer isso. Se queremos promover a

paz, a colaboração internacional, uma maior compreensão entre as culturas, quais são as melhores maneiras para se fazer isso em nossos *campi*? Pode não ser (somente) por meio de aulas de inglês como segunda língua.

Um de meus estudantes observou o discurso da internacionalização entre os professores como um projeto de semestre (Ingram, 2014). Ele acompanhou o debate no *campus* sobre o propósito de incentivar a mobilidade acadêmica internacional e de se contar o resultado da experiência no exterior como parte dos requerimentos de graduação de “estudos globais” (cursos com conteúdo não ocidental e voltados a desenvolver cidadania global) para os estudantes. Tornou-se claro por meio desse debate que os professores tinham diferentes ideias sobre o que conta como “estudos globais”. Também se tornou claro que, enquanto quase todo mundo afirmava apoiar o estudo no exterior, muitos professores criticavam a tendência cada vez maior de existência de cursos de curta duração e de conteúdo *light*. Ethan concluiu que estudar no exterior não necessariamente cultiva uma perspectiva de cidadania global. E, de qualquer maneira, estudar no exterior está fora do alcance da

maioria dos estudantes no *Illinois State*. Dadas as desigualdades de acesso, ele questionou se estudar no exterior deveria ser uma prioridade significativa de nossa universidade.

EP: *Como a etnografia de diferentes grupos que ocupam a universidade pode contribuir para a promoção da tolerância e do respeito à diversidade cultural?*

GH: Isto é muito importante. A experiência dos EUA mostra que a existência de um corpo discente diversificado não significa que estudantes experimentem ou se envolvam significativamente com a questão da diversidade. Os estudantes podem criar “zonas de conforto”, nas quais eles não precisam tratar da diversidade. A tolerância e o respeito para com a diversidade cultural simplesmente não acontece; ela não é apenas um produto de se terem estudantes diversos (ainda que nós precisamos tê-los também). A diversidade tem que ser programada e tem que ser um valor em toda a instituição. Ela tem que agir no engajamento dos professores e nas políticas de emprego, no currículo de todas as áreas e nas atividades extracurriculares disponíveis aos estudantes. A etnografia da

universidade pode revelar as práticas sociais no *campus* que ou reproduzem ou desconstroem a discriminação.

REFERÊNCIAS

Holm, Kristin. (2008). *Encounter: A Profile of a Campus Ministry at Illinois State University*. IDEALS: University of Illinois Urbana-Champaign. Available at: <http://hdl.handle.net/2142/3755>.

Hunter, Gina L.; Blackner, Kate; Brooks, Antony Sean; Cameron, Adam; Kelly, Ashley; Kelly, Jarrett; Newman, Kayleigh; Potts, Natalie; Russert, Nolan; & Williams, Alexandra. (2013). *An Ethnographic Portrait of International Students* (2013). *ISU Ethnography of the University Initiative*. Paper 8. <http://ir.library.illinoisstate.edu/eui/8>.

Ingram, Ethan. (2014) Understading “*International*”: Faculty Perspectives on Study Abroad and Global Studies Education. *ISU Ethnography of the University Initiative*. Paper 7. <http://ir.library.illinoisstate.edu/eui/7>.

Leannais, Elyse. (2008) *Blue Lights: Twinkling Stars of Safety or Pillars of Antiquity?* IDEALS: University of

- Illinois Urbana-Champaign. Available at: <http://hdl.handle.net/2142/3740>.
- Magnani, José Guilherme Cantor. (2002) De Perto e de Dentro, notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17(49), 11-29.
- Malinowski, Bronislaw. (1961) [1922] *Argonauts of the Western Pacific*. New York: E.P. Dutton.
- Messerschmidt, Donald. (1981) *Anthropologies at Home in North America: Methods and Issues in the Study of One's Own Society*. Donald Messerschmidt, ed. Cambridge: Cambridge University Press.
- Nader, Laura. (1972) Up the Anthropologist – Perspectives Gained from Studying Up. In Dell, H. Hymes, *Reinventing Anthropology* Ed. pp. 284-311. New York, New York: Pantheon Books.
- Nader, Laura. (1999) *Secrecy in Science: Exploring University, Industry, and Government Relationships*. Remarks by Laura Nader, University of California, Berkeley. Delivered at MIT, Cambridge, MA, March 29, 1999.
- Peirano, Mariza. (1998) When Anthropology is at Home: The Different Contexts of a Single Discipline. *Annual Review of Anthropology* Vol. 27: 105-128 (Volume publication date October 1998).
- Sassen, Saskia. (1991) *The Global City: New York, London, Tokyo*. Princeton, NJ and Oxford, UK. Princeton University Press.
- Sheeo (State Higher Education Executive Officers Association) (2014) *The SHEF (State Higher Education Finance) FY 2014 Report*. Available at < <http://www.sheeo.org/projects/shef-%E2%80%94state-higher-education-finance> >.
- Shumar, Wesley. (1997) *College for Sale: A Critique of the Commodification of Higher Education*. London/Washington D.C: Falmer Press.
- Spradley, James, & McCurdy, David. (1972) *The Cultural Experience*. Ethnography in Complex Society. Kingsport, TN: Kingsport Press.
- Teixeira, Pedro N, & Dill, David D., eds. (2011) *Public Vices, Private Virtues?: Assessing the Effects of Marketization in Higher Education*. Rotterdam: Sense Publishers.
- Wesley, & Shabana Mir. (2011) *Cultural Anthropology Looks at Higher*

Education, 445-460. In Levinson, Bradley A.U. & Pollock, Mica *A Companion to the Anthropology of Education* (Blackwell Companions to Anthropology, 18). Chichester, West Sussex, UK: Blackwell.

Recebido em 09 de dezembro de 2015.

Aprovado em 10 de março de 2016.